

FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES NO COTIDIANO ESCOLAR: CONSTRUINDO CAMINHOS

Geruza Ferreira Ribeiro de Souza

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1577906652464273>

<https://orcid.org/0000-0003-0098-3687>

E-mail: gfrsouza@uefs.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4-02>

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender os sentidos atribuídos à formação de professores no cotidiano escolar. A discussão inicia compreendendo como os professores da Educação Básica habitam a profissão docente e no cotidiano escolar constroem saberes e didáticas insurgentes. Fazendo uso da abordagem (auto)biográfica, por meio de entrevistas narrativas, professores refletem sobre suas práticas a partir da relação que estabelecem entre seu modo de ensinar e o que aprendem no exercício da profissão. Para o estudo, foram realizadas entrevistas narrativas com seis professoras que atuam na Educação Básica, no município de Feira de Santana, estado da Bahia. Os resultados apresentaram que a formação engendrada no cotidiano escolar favorece a reflexão junto a seus pares, portanto oportunizam movimentos formativos permanentes para construção de saberes e didáticas insurgentes, negligenciadas por políticas de formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Narrativa. Cotidiano escolar.

ONGOING TEACHER EDUCATION IN DAILY SCHOOL LIFE: BUILDING PATHWAYS

ABSTRACT: The aim of this study is to understand the meanings attributed to teacher education within the context of everyday school life. The discussion begins by examining how K-12 teachers inhabit the teaching profession and construct insurgent forms of knowledge and pedagogical practices in their daily school lives. Employing an (auto)biographical approach via narrative interviews, teachers reflect on their practices based on the relationship between their teaching methods and what they learn while practicing the profession. For this study, narrative interviews were conducted with six K-12 teachers in the municipality of Feira de Santana, Bahia. The results indicate that the professional development fostered within everyday school life encourages reflection among peers, thereby creating opportunities for ongoing learning processes that lead to the construction of insurgent knowledge and pedagogical practices—aspects often neglected by formal teacher education policies.

KEYWORDS: Teacher education. Narrative. Everyday school life.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores da área educacional no campo de formação de professores ainda buscam compreender a complexidade dos percursos formativos e a sua relação com a atuação do professor em sala de aula.

Algumas pesquisas que abordam práticas formativas de professores, defendem a ampliação de carga horária em graduações e cursos para alcance de melhor resultados na atuação docente, porém percebemos que as mesmas sofrem rupturas, descontinuidade seja por políticas de governo ou por influências sociais e econômicas.

O contrário também acontece com pesquisas crescentes que visam discutir a formação de professores no cotidiano da escola, argumentando que o exercício da docência é um trabalho complexo e exige uma profissionalidade docente, e essa demanda uma formação inicial e formação continuada como ampliação, tanto externas quanto internas, dentro da escola.

¹Nesta perspectiva, a problemática sobre formação de professores encontra-se em um território de disputa e portanto se faz necessária pesquisas crescentes que abordem caminhos formativos que dialogam com professores que atuam na escola, pois existem saberes em movimento no dia a dia da escola que não são transmitidos em formações acadêmicas ou cursos. Eles foram gestados na relação com os alunos, com seus pares e na urgência para encontrar soluções para os desafios emergentes que surgem no cotidiano.

É por conta disso que há um desafio nessa área de formação de professores no cotidiano escolar junto a seus pares que ser reconhecida e inserida nas políticas públicas de formação. É preciso escutar quem vive e habita a profissão docente, pois professores aprendem a profissão antes dela e continuarão aprendendo a partir de reflexões de suas práticas e complementações diversas.

Dessa forma, ao se discutir formação de professores e enquanto participante da categoria de professores, colocamos as seguintes questões: Tudo o que somos, tudo quanto e como vivemos, bem como com quem e onde vivemos, não é mensurado? E a

¹ Texto ampliado e revisado do trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional de Didática e Práticas do Ensino (ENDIPE), 2024.

produção de saberes, movimentos formativos que ocorrem no interior da escola? Qual seria a ordenação formativa que responderia a esses questionamentos?

Diante das inquietações acima, percorrendo uma discussão mais ampliada, desenhamos essa pesquisa em torno da questão-problema: como se dá o movimento formativo dos professores no cotidiano escolar?

Sabemos que a formação perpassa por um tempo cronológico, acadêmico, mas também por um tempo, espaços que não podem ser cronometrado, quantificados em cursos e faculdades, logo é preciso compreender como ocorre a formação de professores no interior da escola que é atravessada por momentos pessoais e profissionais.

Afinal, no contexto do trabalho e com colegas, o tempo de aprender e construir a formação acontecerá quando o sujeito vive a experiência, e desenvolve novos saberes, ou seja, um tempo oportuno para constituição de novas formas de ensinar e aprender.

Reconhecemos que a formação de professores representa uma temática significativa no cenário acadêmico, com diferentes perspectivas e discussões. Elegemos dentre tantas, a opção de pesquisar a formação de professores no cotidiano escolar por acreditar que ela é construída também na relação constante com o exercício da profissão, portanto não se encerra após um período, um ciclo ou um tempo.

Na busca por uma expansão na formação de professores, destacamos a formação de professores no cotidiano escolar por ser um tema desafiador, merecendo mais pesquisas no âmbito educacional para fomentar a valorização da profissão docente, os saberes construídos por eles que ultrapassam o tecnicismo, um desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, melhorias da educação.

Dando seguimento ao trabalho, ouvimos relatos de professores que habitam a profissão docente na Educação Básica. Para tal feito, logramos como objetivo geral compreender os sentidos atribuídos à formação de professores no cotidiano escolar e como objetivos específicos, a pesquisa procurou entender como ocorre o movimento formativo de professores do Ensino Fundamental no cotidiano da profissão docente e reconhecer a constituição de didáticas insurgentes no cotidiano escolar.

Ancorando-se nas autoras Alves e Garcia (1999, 2000) com a Teoria do cotidiano,

D'Avila (2019) e Silva (2022) ao abordar didáticas insurgentes, dentre outros, buscaremos evidenciar juntamente com os colaboradores, o cotidiano escolar como espaço privilegiado de formação de professores e de constituição de didáticas insurgentes.

Como recurso metodológico para alcance dos objetivos, utilizamos relatos narrativos de professores da Educação Básica, produzidos em momentos diferentes. Por meio de entrevistas narrativas, contaram suas histórias de vida pessoal e profissional, estabelecendo relações com o cotidiano e produzindo um discurso para compreender os movimentos formativos que ocorrem no interior da escola.

Nessa perspectiva, durante as conversas nas entrevistas, o processo formativo dentro da escola e novos modos de atuar foram elementos presentes. Apareceram também nas narrativas, as relações de trocas com os outros, a formação de novas práticas de aprender e a potencialidade do cotidiano ser um espaço singular para enfrentamento dos desafios que surgem com frequência nas salas de aula.

PERCURSO METODOLÓGICO

No percurso metodológico, optamos pela abordagem (auto)biográfica inscrita no campo das pesquisas qualitativas para desvelar a singularidade dentro de uma coletividade, ou seja, elas foram construídas com os professores que estão no chão da escola e que tem contribuições relevantes para representar o social. Sendo assim, a metodologia atravessou todo o trabalho.

No âmbito da pesquisa, foi fundamental a contribuição de Josso (2004) ao apresentar que a abordagem (auto)biográfica constitui-se um meio para observarmos um aspecto central dentro de diversas situações educativas. Nessa perspectiva, permite conhecer a diversidade de atribuições do professor, sua história de vida pessoal e profissional e as representações que ele construirá ao fazer uma descrição de experiências da vida, relacionando-as consigo, com a teoria e a profissão.

Nesse sentido, a abordagem (auto)biográfica traz o sujeito para o centro, possibilitando que ele conheça a si, partindo de um paradigma epistemológico que revela experiências a partir das narrativas, faz uma reflexão do seu passado, presente e se

constrói como autor de sua formação. Há uma descrição das suas experiências de vida, mas que ao narrar, aquele que narra neste estudo mostra a teoria e a profissão que habita.

Assim, para atender o objeto do estudo, os professores que chamamos de colaboradores da pesquisa seguiram os seguintes critérios: o colaborador entrevistado ser efetivo no quadro do município de Feira de Santana, Bahia; atuar no Ensino Fundamental I e ter mais de três anos no exercício na profissão (acreditamos que após o Estágio probatório de três anos, os professores já avançaram na construção de práticas e posturas para além de uma norma regulamentada).

Seguindo esses critérios, convidamos os professores e a partir do aceite deles, participaram do estudo seis professoras, três de cada escola. Todas foram convidadas para participarem do estudo, através de mensagem enviada por e-mail e *WhatsApp*² para cada professora, nos apresentando e explicando os objetivos da pesquisa.

No segundo momento, acordamos data e horário para as entrevistas, respeitando a disponibilidade de suas agendas. As seis professoras, devido a carga horária de trabalho e também a violência na cidade, fizeram a opção das entrevistas acontecerem no turno noturno e de forma virtual.

Dando seguimento, para as entrevistas no formato virtual, fizemos uma questão central para suscitar que as colaboradoras falassem suas histórias e assim emergissem as narrativas, considerando: como se dá o seu desenvolvimento formativo no cotidiano escolar? A pergunta serviu apenas como apoio para a organização das ideias, dos pensamentos e falas, durante a entrevista.

Concluídas as entrevistas com as colaboradoras, transcrevemos de forma manual todas as entrevistas, anotando inclusive a expressão dos sentimentos durante as narrativas. Terminando a transcrição, realizamos uma leitura global e organizamos as mesmas, a partir do método interpretativo compreensivo de Ricouer (1996), nas seguintes categorias: uma sobre formação de professores no cotidiano escolar e outra sobre a constituição de didáticas insurgentes no interior da escola.

Por meio das narrativas as professoras revelaram sua trajetória de vida, de

2 O WhatsApp é um aplicativo gratuito de troca de mensagens e de chamadas de vídeo e de voz.

formação e de profissão, produziram sentidos do que falavam. Seguindo essa ideia, elas produziram o próprio discurso ao narrarem e, assim, foram constituindo sentidos para compreender quais os sentidos atribuídos à formação no cotidiano escolar, bem como reconhecer a constituição das didáticas insurgentes no interior da escola.

Percebe-se que o método da narrativa é ideal para analisar as histórias dos sujeitos e é potente para formação de professores. Elas se apresentam como processo de reflexão da vida, da prática pedagógica e de formação docente, pois na narrativa, revisitam o passado, fazem questionamentos sobre o presente e, numa visão prospectiva, produzem novos sentidos e novas experiências.

COTIDIANO ESCOLAR, ESPAÇO DE FORMAÇÃO PERMANENTE E CONSTITUIÇÃO DE SABERES

É necessário reafirmar que o ensino de qualidade está ligado intrinsecamente a políticas públicas efetivas, e essas perpassam também por investimentos em uma formação inicial e formação no exercício da profissão. Mas, também é urgente reconhecer que a produção de experiências e de saberes produzidos no cotidiano da escola, precisam assumir um valor cada vez maior na formação de professores.

Ao situar a realidade do Estado da Bahia, em que desenvolvemos este trabalho, cabe aqui referir dados sobre Formação docente no ensino fundamental: interfaces com a diversidade, mapeados por Rios, Silva e Silva (2020) para contrapormos o cenário nacional com o panorama atual baiano sobre formação de professores.

Estudos sinalizam que a formação em exercício, continua sendo individual, bem como evidenciam que os professores buscam formação continuada externa, seja pós-graduação *lato sensu*, ou *stricto sensu* por duas razões centrais: progressão na carreira ou no intuito de adquirir novas aprendizagens para realização das atividades na escola.

Professores sinalizam que as instituições de ensino superior trabalham mais o cotidiano escolar de maneira mais conceitual e não aborda aspectos concretos da prática pedagógica, ao mesmo tempo, afirmam que nas escolas temas específicos que surgem no dia a dia da escola não são contemplados nas formações continuadas.

Esses dados nos permitem refletir sobre a formação e reconhecer a urgência dos professores considerarem a diversidade, limitações na profissão e compreenderem a importância, e o sentido dos movimentos formativos no interior da escola.

Ao analisarmos a formação no contexto micro, na rede municipal de Feira de Santana, encontramos que há uma política municipal para formação de professores no interior da escola, mas as instituições e os profissionais não conseguem fazer uma adesão a essa regulamentação, coletivamente. Nessa perspectiva, a maioria das escolas garantem formações internas, individualizadas, na rede pública de Feira de Santana.

Ao tentar gerir algumas tensões que surgem no campo da formação, há a necessidade de entender o significado que os professores têm sobre formação, para que serve e onde deve acontecer, principalmente nesse contexto feirense de formação no exercício da profissão, de forma individualizada, no cotidiano escolar ou de coletiva, com técnicos da Secretaria de Educação.

Na busca para responder às questões, torna-se importante destacar que em nossa cultura utiliza-se vários termos: formação continuada, formação em serviço, formação permanente. Fizemos a opção de formação permanente, apoiando-nos em Freire (2001), quando diz que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (Freire, 2001, p. 43).

Neste movimento de valorização do sujeito que aprende com tempo, espaço para reflexão com suas histórias de vida e a de outras pessoas. É nessa tessitura de movimentos com seus pares, buscando respostas para ensinar e aprender, que professores vão tecendo saberes no cotidiano. Sobre isso, a professora relata:

O bom é que lá na escola os momentos de formação não ficam presos ao coordenador e diretor, ou seja, quem conduz esses momentos não é só o diretor ou coordenador, mas nós professores também somos responsáveis em conduzir esses momentos. Entendemos a necessidade dessa formação, porque além do momento de estudo, quantas coisas são resolvidas nesse momento de formação e que depende da escuta sensível de todos dentro da escola. [...] Falando em formação, Alarcão fala tanto dessa formação que acontece na interação entre prática e teoria, é algo que ela prega muito e eu me orgulho muito em dizer isto em relação a escola que atuo. Quanto eu aprendi, quanto aprendo nesse espaço, seja com o grupo de estudo que faço parte, com as formações que temos e com o corpo docente da escola. Nesses momentos, temos

a oportunidade de alinhar a teoria com a prática (Rosa³, Entrevista narrativa, 2021).

Ampliamos a ideia de formação defendida pela professora Rosa, reportando mais uma vez a Alarcão (2011) ao afirmar que os professores precisam de formação permanente no interior da escola em um processo colaborativo e reflexivo com seus colegas. Logo, a escola, com toda a complexidade que lhe é inerente, deve se organizar para criar condições de formação do professor a partir de reflexões coletivas..

Pela narrativa, verificamos a valorização do tempo e espaço no cotidiano escolar para que a reflexão, as vivências e as partilhas com os pares na coletividade, encontrem respostas para os desafios e construam saberes que melhorem sua prática.

No contexto do trabalho, os que ali vivem e habitam a profissão, conhecem suas necessidades, estudam, bebem na teoria e se alimentam dos saberes e reflexões partilhadas acerca da sua prática diária.

Silva (2022) ao pesquisar sobre as didáticas insurgentes, explica que utiliza o termo didáticas insurgentes por serem tecidas na necessidade cotidiana, demarcada por contextos específicos que levaram os professores a problematizarem e a construir modos próprios de tecer e habitar a profissão docente.

Dessa forma, torna-se necessário a ideia da escola como lugar de formação privilegiada de professores para construção de saberes, práticas de ensinar em movimento, onde o mesmo é formado a cada dia, no seu cotidiano, através de diálogos com seus pares, alunos e demais atores que formam a comunidade escolar.

Para Amélia Franco (2019), no seu capítulo intitulado Formação continuada de/para/com docentes: para quê? Para quem? no livro de Imbernón (2019), afirma reconhecer o *lôcus* da escola como espaço potencial para a formação permanente dos professores, em que os próprios professores são os autores das suas práticas, suas pesquisas.

Nesse cotidiano, os professores podem trocar, refletir e aprender mutuamente com suas práticas, construindo novos modos de ensinar e aprender. Uma formação dialógica,

3 Para preservar a identidade pessoal de cada professora, utilizamos nomes fictícios para as colaboradoras, conforme preconiza o Comitê de Ética que aprovou a referida pesquisa.

participativa, colaborativa, que concebe o professor como sujeito da sua formação de maneira crítica, contextualizada, no movimento de ação-reflexão-ação possibilitando o enfrentamento das suas dificuldades, com didáticas insurgentes.

Destacamos que durante as entrevistas, uma professora apresentou indícios de que sua formação inicial e formações externas não davam conta das necessidades da sala de aula e que era preciso um momento para refletir e dar sentido às suas experiências a partir do outro. É o que nos relata a professora Margarida:

Preciso ter uma boa formação para não cair nos mesmos erros, senão eu acabo não evoluindo, eu acabo não dando conta das demandas que tem na minha sala. Se no momento meu conhecimento não consegue dar conta desse problema, então, eu preciso de uma formação que possa me ajudar a lidar com essa questão, com esse problema. Uma formação que me ajude a refletir sobre minha prática diante daquilo que estou vivendo. Essa reflexão se faz com formação, para poder trocar ideias, poder conversar com os pares. Mesmo assim, eu acho que quando nos conhecemos mais, ficamos mais habilitados a tentar solucionar problemas. Não dá para só executar e cumprir planos e programas (Margarida, Entrevista narrativa, 2021).

A professora Margarida traz na sua narrativa uma inquietação sobre a importância de ter formação no exercício da profissão para estudar e aprender a docência. Reconhece necessidade de formações a partir das próprias práticas, junto a seus pares para um desenvolvimento profissional.

Um processo que transita por uma formação inicial e permanece na docência com reflexões coletivas sobre as práticas para juntos encontrarem caminhos de como lidar com as transformações e diversidades de situações que acontecem na escola. Como nos diz a professora Conhecimento, é preciso devolver à docência o seu direito a estudar, refletir com seus pares e não apenas executar planos e programas.

D'Ávila (2019, p. 33-49) fez uma investigação, partindo da concepção que há saberes constituintes e estruturantes na profissão docente, mas há também os saberes que são constituídos no cotidiano e que precisam ser reconhecidos no campo de formação de professores. Os professores são capazes de criar formas de ensinar aos seus alunos, realizando práticas em movimento e constituindo novas maneiras de aprender e ensinar.

Relevante é lembrar que é preciso investimentos em formações, programas que dialoguem com os professores e contemplem as necessidades da escola. Afinal,

professores deparam com dificuldades em exercer a docência e as políticas de formação continuam distantes de quem se encontra no chão da escola.

Na medida em que avançamos nesse reconhecimento, percebemos que no e com o coletivo há possibilidade de mudanças e construção de saberes no interior da escola. Estudos de Alves e Garcia (2000) mostram que é preciso sair do falar da escola para compreendê-la. Muito se fala sobre escola, de fora da escola, de longe da escola, muitas vezes a partir de um absoluto desconhecimento em relação ao que acontece dentro da escola a cada dia (Alves; Garcia, 2000, p. 12).

As autoras apresentam o cotidiano como espaço de criação e circulação de conhecimentos múltiplos. Assim, muito mais que falar e escrever sobre limitações de formação na escola, busca-se compreender e reconhecer que, no interior da escola, os professores que nela vivem, nas micro relações a partir de relações horizontalizadas e dialógicas, constroem saberes e práticas, as quais denominamos, didáticas insurgentes.

Será importante para a formação de professores reconhecer que as narrativas revelam o enredamento que há no cotidiano e que ele precisa ser transformado em conhecimento pedagógico e didático. Ao narrar suas experiências, os professores refletem, dão sentido ao seu papel formativo e a sua atuação docente, como afirma a professora: “A minha formação se dá pela troca de conhecimentos e partilha das práticas, no caso a gente compartilha muito as experiências que vivenciamos na sala de aula, no dia a dia da escola” (Jasmin, entrevista, 2021).

Referimo-nos, como menciona a professora Jasmin, a essa formação que acontece dentro da escola ressaltando que isso não significa desvalorizar a teoria, mas, à luz das teorias, encontrar explicações, saídas e novas maneiras de ensinar para dar conta da complexidade das realidades que se encontram no cotidiano escolar. É o que segue nos mostrando a professora Jasmin.

Nos momentos de AC, que é Atividade Complementar, é muito válido partilhar o que vivenciamos, as experiências na sala de aula, seja no aspecto positivo ou negativo. Inclusive, quando acontece as de aspecto negativo, elas acabam favorecendo uma discussão maior. Diante disso, abre-se um momento de reflexão e essa acaba conduzindo, orientando, na verdade acaba despertando novas ideias, novas reflexões e aí o aprendizado acaba se ampliando mais ainda [...] Convidamos pessoas de fora, palestrantes, às vezes fazemos estudos em grupo, onde são

divididos os grupos, como se fossem seminários. Ou seja, a AC não é um momento só de partilhas, mas de formação, tanto com pessoas de fora, quanto com pessoas da própria escola que se sentem à vontade para estar fazendo estes estudos, na verdade, um estudo compartilhado (Jasmin, Entrevista narrativa, 2021).

A professora contextualiza a escola como espaço de reflexão, aprendizado, de formação e explicita não só com histórias com seus pares, mas também como pessoas externas, configurando movimentos formativos. Segundo ela, esse momento é de partilhas, reflexão e novas aprendizagens, mas sobretudo de uma formação permanente de professores que acontece no cotidiano escolar, nas relações entre os pares, e oportunizam novos saberes e práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do trabalho, os relatos revelaram uma aproximação de formação na tessitura dos saberes horizontalizados, coletivos, que acontecem no cotidiano das escolas e que precisam ser reconhecidos e explorados no campo de formação de professores. Assim, formações coletivas na escola seriam possibilidades de formação permanente de professores.

Hoje, professores são desafiados por um contexto marcado por frágeis conquistas de direitos nas políticas de formação de professores. Vemos avanço na perspectiva neoliberal com ofertas de programas padronizados e muitas vezes distantes das escolas, multiplicando assim desigualdades, retrocesso a democracia. A formação imposta, neste sentido, é concebida na lógica do mercado, como um produto a ser consumido.

Nesse caminhar para o enfrentamento, escolhemos a pesquisa (auto)biográfica, com uma abordagem qualitativa e o uso das entrevistas narrativas. Se desejávamos alcançar o objetivo, teríamos que escutar as histórias de vida dos professores, suas experiências. E a metodologia contribuiu muito na produção de conhecimentos acerca da temática, pois as professoras durante as narrativas refletiam sobre sua vida, formação, trajetórias individuais e coletivas, considerando as relações horizontalizadas e as práticas pedagógicas geradas no cotidiano escolar.

Percebemos também que, diferente de uma entrevista estruturada, a entrevista

narrativa revelou estruturas sociais e políticas que impactam a formação de professores. Nesse sentido, elas apresentariam o que dizem sobre formação de professores e o que elas pensam sobre esse tema.

Assim, os resultados do estudo desenvolvido indicam que, para enfrentarmos e fortalecermos processos contra hegemônicos de formação de professores que desconsideram os conhecimentos docentes e o cotidiano escolar, torna-se necessário que os protagonistas de tais transformações sejam os professores.

Em suma, é importante romper o individualismo que muitas vezes se manifesta nas escolas, criando espaços e tempos para reflexão, compartilhamento, ao invés de realizar demandas impostas de modelos padronizados. Segundo Alves; Garcia (1999, p. 10):

Pois sempre aparece alguém para lhes “ensinar” como melhor ensinar, sempre aparece algum “iluminado” para lhes dizer o que devem fazer, quando e como devem fazer, quando e como devem fazer. Muda a denominação, mas o espírito é sempre o mesmo – tutelar as professoras impondo-lhes o que lhes parece (aos que se sentem iluminados) importante ser ensinado e a melhor forma de fazê-lo.

De modo mais claro, observamos que os professores no cotidiano tecem saberes em relação a várias temáticas e vão se formando. Assim, a cada narrativa, havia a tentativa de compreender como se dava o desenvolvimento formativo no interior da escola. Como nos relata a professora Rosa:

Geralmente, essas formações acontecem em grupos e todos os professores são envolvidos. Eu vou tirar, por exemplo, o PPP. Como eu falei, todos participaram da construção. Foi a escolha da própria coordenação e é muito legal essa troca. Por mais que a gente conviva com todos dentro da escola, eu acho que esse momento de formação, a gente estar mais junto do outro aproxima, a gente passa a compreender melhor o outro, a gente passa a entender como o outro pensa coisas de dentro da escola. [...] É uma gestão cooperativa, democrática (Rosa, Entrevista narrativa, 2021).

Algumas colaboradoras deram pistas de que no miudinho do cotidiano, elas tecem formações necessárias à sua prática e a escola é de fundamental importância para a fomentação dessa dinâmica. Portanto, por mais que haja um controle na formação de professores gerada por instâncias superiores, encontramos formações alternativas, confirmando que no cotidiano da escola nada é comum.

Ou seja, por mais que estudos, autores busquem descrever o processo formativo dos professores, cada cotidiano é singular e há uma formação para além das teorias e das políticas formativas impostas às escolas, pois professores se articulam com outros professores, com outras escolas, com outros espaços de formação, por intermédio de relações formais e informais.

Portanto, o campo de formação de professores, ao considerar as dimensões formativas pode romper com os modelos impostos de formação instituída que muitas vezes se distancia da realidade escolar. Nesse sentido, faz-se necessário uma formação permanente no cotidiano escolar tornando possíveis movimentos formativos que façam sentido para os professores.

Tomando como ponto de partida os teóricos e as narrativas, visualizamos novos caminhos para a formação de professores. Eles representam, principalmente, vozes de professores que assumem a escola como espaço de movimentos formativos e constituição de saberes.

O estudo possibilitou evidenciar a importância do cotidiano escolar para a formação e constituição de didáticas insurgentes, pois ouvimos saberes, experiências de formação que foram construídos a partir das práticas reflexivas dos professores no cotidiano escolar e que estão à margem das políticas de formação. Essas narrativas também foram relevantes para entender como ocorrem no cotidiano da profissão docente as formações de professores do Ensino Fundamental I, na rede municipal de Feira de Santana-Ba.

Ao compararmos com a análise dos resultados desta pesquisa em nível municipal, percebemos a aproximação de muitas características acerca da formação de professores em nível nacional e internacional. As narrativas evidenciaram que mesmo diante das limitações, há um potencial de formação a ser realizado com participação coletiva, reflexiva das próprias práticas, na construção de novos saberes, novas didáticas para a promoção de aprendizagens dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi mencionado, o cotidiano escolar demonstra como espaço importante para a formação de professores. Nele, a formação constitui, sem dúvida, em uma possibilidade de valorização dos seus saberes e desenvolvimento profissional, pois ela surge como meio para alcance de destrezas, competências no exercício da profissão.

Quanto à temática abordada, observamos que há possibilidade de ampliar os estudos e os objetivos deste trabalho no futuro. Nesse sentido, destaco como possibilidades a promoção de um trabalho com narrativas com professores da rede municipal, de modo que revelem as formas de ensinar que surgem nesse miudinho da escola.

Nesse cenário, o cotidiano e as didáticas insurgentes aparecem não como algo inovador, que foram gestados no contexto escolar, mas categorias que buscam modos dos professores habitarem, aprenderem e ensinarem a profissão. E por serem pensadas a partir das necessidades do cotidiano escolar, tornam-se movimentos formativos singulares, favorecendo um (re) pensar sobre políticas locais de formação, tendo como destaque, o cotidiano escolar como espaço privilegiado de formação de professores.

É reconhecer que não existe um único modelo de formação de professores a ser ofertado, nem que as formações externas são superiores as que ocorrem no cotidiano escolar, mas defender que professores no exercício da docência, na escola, desenvolvem saberes singulares e estes precisam ser vistos e validados como o centro das políticas públicas. Caminhemos.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, N. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O Sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 91-100.
- ALVES, N.; GARCIA, R. L. (orgs.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- D'AVILA, C.; FERREIRA, L. G. Saberes estruturantes da prática pedagógica docente um repertório para a sala de aula. In: MARIN, A. J.; D'AVILA, C.; FRANCO, M. A. S.;

FERREIRA, L. G. **Didática: saberes estruturantes e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2019.

FRANCO, M. A. S. Formação continuada de/para/com docentes: para quê? para quem?. In: IMBERNON, F.; NETO, A. S.; FORTUNATO, I. (Org.). **Formação permanente de professores: experiências ibero-americanas**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RIOS, J. A. V. P.; SILVA, F. O. da; SILVA, A. L. G. da. Formação docente no Ensino Fundamental: interfaces com a diversidade. **Revista FAEEBA**. Salvador, v.29, n.57, p.109-124, jan./mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n57.p109-124>.

SILVA, F. O. da. Didáticas insurgentes da relação professor e estudante no ensino de Filosofia. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 01, e11175, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v1.1>.

Submissão: julho de 2026. Aceite: agosto de 2026. Publicação: outubro de 2026.